

## *A COSMOBIOLOGIA SUMÉRIA:*

### *PARADIGMA DA CIÊNCIA SAGRADA (ARITMOSOFIA, ASTROSOFIA E TEURGIA)*

*(Todas as palavras em maiúscula servem como objecto de testes vibratórios)*

[ 23-6-1997]

Verificam-se algumas constantes no estudo dos sistemas cosmobiológicos vindos da Antiguidade clássica, servindo o sistema cosmológico para aferir o nível noológico da respectiva civilização.

Sendo aquele que os arqueólogos consideram o mais antigo no Médio Oriente e a que chamam «o berço da civilização», o sistema cosmobiológico da Suméria serve-nos neste estudo de paradigma.

Entre as constantes desde já detectáveis nesse paradigma, deverá sublinhar-se:

1 - A genealogia de deuses e deusas é apenas a forma alegórica, possível na época e possível ainda hoje, que sumérios, egípcios e hebreus (quase sempre em estreito intercâmbio de rotas cruzadas, desde os anos 4500 A.C.) tiveram de falar de energias.

Os nomes de deuses, embora com algumas variantes de escrita colhidas de traduções francesas ou inglesas, podem dar traduções vibratórias, na grelha das letras, de um significado noológico surpreendente.

2 - Este postulado confirma outro: à medida que recuamos no tempo e nos aproximamos de um foco irradiante de civilização, os testemunhos escritos e caligráficos têm um valor vibratório crescente, podendo mesmo fazer-se uma «datação» arqueológica de largo espectro com base nos níveis de frequência vibratória detectados

3 - Estâncias como os ZIGURATES (ou as zigurates, como querem os franceses) exemplificam, na Suméria, os **aparelhos de interconexão cosmotelúrica**, os «relais» de intercomunicação Céu/Terra.

A ligação que teria havido entre os sumérios e uma civilização tão remota no espaço como a civilização MAYA - relação assinalada pelo investigador brasileiro Alberto Beuttenmuller, no seu livro « 2012: A Profecia Maya » - evidencia uma equivalência perfeita entre as ZIGURATES sumérias e as pirâmides mayas. Justificando assim que os franceses dêem o género feminino às zigurates.

As zigurates não eram apenas observatórios astronómicos, como quer a arqueologia académica - minimalista - mas postos de recepção e emissão de energias cósmicas: Tal como as pirâmides egípcias, maias e aztecas, aliás, que teriam funcionado como «para-raios» de energias cósmicas, embora a ciência académica as considere apenas túmulos da megalomania faraónica de reis e imperadores.

4 - Esquece a arqueologia académica, entre o muito que esquece e ignora, que o sistema político nestas civilizações era a teocracia e que os reis e imperadores não tinham apenas o lado profano que o pensamento democrático hoje lhes atribui, mas o lado «divindade» como seria de esperar numa Teocracia.

Note-se que a única Teocracia que chegou ao mundo moderno é a da civilização

tibetana, com o Dalai Lama no topo da Hierarquia. E que as perseguições ao budismo tibetano - a única civilização hoje digna desse nome - já tenham começado na Bélgica, diz muito sobre o estado «civilizacional» da Bélgica, da Europa e do Mundo em geral. Mais do que nunca, a autodestruição terrestre deve estar iminente, quando a escalada contra o sagrado e o divino já não se contenta com a periferia e pretende atingir o próprio coração da Vida. Instrumento, apenas instrumento, destes desígnios apocalípticos, a polícia belga, coitada, cumpre o seu dever, tal como Hitler cumpriu o dele.

5 - Na Cosmobiologia (CB) suméria, sempre com ligações ao Egito e aos hebreus, são frequentes as díades de deuses, sendo as tríades mais raras.

As díades, como é natural, apresentam-se como o lado feminino e masculino da dualidade característica do mundo incarnado.

O mesmo deus - o DEUS-SOL, por exemplo, criador e destrutivo ao mesmo tempo - pode ter também duas leituras cosmobiológicas.

6 - O estabelecimento do calendário - solar e lunar - pelas civilizações cosmobiológicas, não é avaliado hoje, pelo homem moderno, como o Acontecimento verdadeiramente excepcional que de facto foi.

Em cosmobiologias como as da Suméria, do Egito e Hebraica, era em relação com o calendário que tudo se ordenava regularmente no tempo. Do caos primordial passava-se, pelo calendário, à ordem cósmica, o que pode ser considerado como o maior avanço jamais conseguido pelo espírito humano.

Note-se, a propósito de COSMOS, que TIAMAT era a divindade «monstruosa» do CAOS.

A propósito de CAOS (TIAMAT) e ORDEM, a «separação das águas» (tão presente no Génesis) é o outro acontecimento da sabedoria cosmobiológica verdadeiramente decisivo para tudo o que, em matéria de conhecimento e de ciência, viria a acontecer depois.

7 - A atmosfera, ainda ligada à TERRA, era o lugar instável das tempestades e das variações meteorológicas, por oposição ao CEU onde reina a ordem fixa.

A criação do mundo (cosmogénese) por MARDUK aparece assim como uma vitória do poder da ordem sobre a potência do caos.

A sabedoria cosmobiológica, na Suméria, no Egito e entre os hebreus, era fundamentalmente o conhecimento do calendário.

8 - Também é de notar que a fase histórica e política da Caldeia, com HAMURABI e a sua célebre porta de ISHTAR cerca de 2000 AC, é uma fase relativamente tardia da história da Caldeia, onde desde 4.500 A.C., segundo a arqueologia académica, há vestígios aperfeiçoados de conhecimentos cosmobiológicos.

Quer dizer que decorreram, pelo menos, 2500 anos entre o apogeu da Cosmobiologia na Suméria e o apogeu da política. Ora 2500 é mais 500 anos do que a era moderna, que está agora a chegar aos 2000 anos depois de Cristo.

8 - Se a Suméria dá o melhor exemplo de conhecimento cosmobiológico e tudo nela aponta para os jardins do EDEN da perdida Idade de Ouro, também é verdade que as fases de decadência se apresentam com impressionante nitidez, da Assíria à Babilónia, execrada, como é natural, pelos judeus, apesar de bem recebidos no seu torvelinho de pecado.

Esta sucessão do mais antigo para o mais moderno, é nomeada por alguns autores como: Caldeus Sumérios, Caldeus Assírios e Caldeus Iranianos ( Babilónia).

Surge nítida nos ESSÊNIOS, a herança recebida da Suméria. Só não surge tão nítido se haveria passagem pelo Egito ou se a Suméria é que era a estação de passagem - o entreposto - das informações trocadas entre o Egito e os Hebreus.

9 - ISHTAR , deusa do AMOR mas também deusa da MORTE, é o exemplo-modelo da deusa paredra (divindade acoplada ou acupulada a outra, do ponto de vista teológico, cultural ou iconográfico).

Tal como outras díades como ÍSIS/OSIRIS, no Egipto, ISHTAR/BA'AL nos semitas ocidentais da Suméria, KALI/VISNU na Índia, CIBELE/ATIS nos Frígios, é um bom e recuado exemplar da moderna clonagem ( puro terrorismo com o nome de «engenharia genética»), herdeira dos eternos mitos da cosmobiologia, o andrógino, a hierogamia e o sânscrito SHARTI ou «raiz de toda a existência».

10 - VÉNUS, estrela da tarde e estrela da manhã, é outro bom exemplo cosmobiológico de paredro (palavra grega) que ciclicamente renasce para morrer e ciclicamente morre para renascer, postulado da mais pura e eterna alquimia.

11 - Impossível, também, não ouvir aqui, na cosmobiologia suméria, os ecos do grande princípio dos CICLOS, indubitável aquisição do espírito humano ainda que, indubitavelmente também, transmitida aos seres humanos pelos deuses.

Indubitável também a ligação ao mito vegetal da MORTE/RESSURREIÇÃO, ilustrado entre os gregos por PERSEFONE.

A provar o inconsciente colectivo de Carl Jung, vamos encontrar outro bom exemplo, no México, no deus MAYA, QUETZALCOATL, deus agrário e deus do planeta VÉNUS, que morre e ressuscita periodicamente.

O paralelismo entre estas duas cosmobiologias, maya e suméria, já fora assinalado com as pirâmides e as zigurates.

12 - Da díade SHAMASH/ISHTAR, a CB suméria passou (fácil ou dificilmente?) para a tríade SIN/SHAMASH/ISHTAR, na sequência da tríade ANU/BEL/EA.

Se as díades davam lugar a tríades na CB suméria, também é verdade que a absorção de dois deuses num, também era um fenómeno noológico frequente.

A metamorfose dos deuses era a metamorfose evolutiva do conhecimento na Cosmobiologia primordial, como, por exemplo, a pssagem da fecundidade vital de ISHTAR à ordem (matemática e) cíclica do destino, ligado à necessidade calculável dos movimentos celestes. No princípio da metamorfose dos deuses, está sempre presente o princípio da metamorfose ou transmutação alquímica.

13 - Desde os sumérios que as duas orientações da CB ficaram definidas:

a) A Genetlialogia (et. grega)

b) A teoria dos dias fastos (bom augúrio) e nefastos

Foram os gregos a vulgarizar a Astrologia como «mântica», tal como viria a apresentar-se na Idade Média até hoje.

A dominante mântica é referida em alguma bibliografia especializada:

- Francis Lenormant, «*La divination et la science des présages chez les Chaldéens*», 1875

- A. Boissier, «*Iatromantique , physiognomonie et palmomantique*», in «*Revue d'Assyriologie*

- A. Boissier, «*Mantique babylonienne et mantique hittite*», 1935

- «*Cuneiform Texts, do British Museum*», XXIV, pl.50

- «*Oráculos Caldaicos*», 226, Trad. Ed. Belles Lettres, 1971, p.121

14 - A derivação da CB suméria para a dominante mântica, hoje explorada ao nível comercial, eclipsou uma derivante muito mais interessante, a dos dias críticos, ressuscitada modernamente pela teoria dos bioritmos e com incidência nas medicinas sagradas, desde Hipócrates, um dos primeiros gregos a receber a herança suméria/egípcia.

15 - Os «dias críticos» em Hipócrates supõem a aplicação à evolução das doenças e seu tratamento da medida do tempo e da noção de ciclos numéricos uniformes, análogos

aos da astronomia e aos da botânica agrícola.

16 - Nas previsões médicas como na adivinhação - diz René Berthelot - coube aos sumérios misturar a matemática com a Biologia.

Salva-se assim a honra da medicina hipocrática, que, em comparação com a medicina tradicional chinesa, não acusava nenhuns vestígios de conhecimento cosmobiológico.

17 - A palavra AUGÚRIO, do latim, assinala que entre os romanos foi essa vertente mântica a mais aproveitada. AUGÚRIO tem estreita ligação a AUSPÍCIO.

A palavra ORÁCULO, do latim (mas que já aparece no Êxodo, XVIII, 15-16) viria até ...ao Oráculo de Napoleão, provando como a Europa é filha de Roma e do materialismo romano mesmo em ciências divinatórias.

Ciências que à luz da CB tradicional e da radiestesia holística/gnose Vibratória terão de sofrer totalmente uma revisão e releitura crítica.

18 - Sem o GNOMON (o mais antigo relógio de sol) e sem a CLEPSIDRA dos sumérios, seguramente que toda a história do homem teria sido diferente.

O GNOMON para medir a hora solar, os solstícios de Verão e Inverno, a altura do SOL e seu azimute.

A CLEPSIDRA para medir os ciclos do TEMPO.

Com o GNOMON e a CLEPSIDRA, a CB suméria determina longitudes e latitudes celestes.

Mas, acima de tudo, com o GNOMON e a CLEPSIDRA, os sumérios deixaram :

- A trajectória anual do SOL (elíptica) dividida em 12 constelações, dividida cada constelação em 30 graus

- A divisão sexagesimal (número 60) do tempo e a divisão sexagesimal do círculo são criações da CB suméria

- O cálculo de eclipses lunares e solares

19 - O ZODÍACO, para a CB suméria, é a banda do CÉU na qual se encontram as órbitas dos planetas

20 - Se o GNOMON e a CLEPSIDRA - diz R. Berthelot - constituem a utensilagem natural dos astrónomos para a medida empírica dos espaços e das durações (ciclos) , o sistema sumério de numeração sexagesimal constituía para os seus cálculos o que se pode chamar a utensilagem intelectual.

21 - A base de numeração sexagesimal - que se chamaria solar - terá que ver, na CB, com o número 12 e o número 360, ou seja, com o número de meses e o número de dias do ano solar.

22 - 6, 12, 60 e 360 seriam assim os números de referência neste sistema da CB suméria: e porque não os números sagrados?

23 - A radiestesia holística/gnose vibratória terá razões para ficar contente, ao verificar que as direcções da grelha dos metais são 12 - tal como a metade do Nictemério (dia solar) , tal como as horas do mostrador do relógio, tal como a dúzia do sistema de pesos e medidas ocidental, etc (Ver, em anexo, equivalências cosmobiológicas do número 12)

24 - Se de 6 para 60 é necessário introduzir a base 10 - facilmente se liga o 10 a uma razão biológica, desta vez os 10 dedos das duas mãos do ser humano

25 - Mas o 6 é ainda uma combinatória da díade e da tríade:  $2 \times 3 = 6$  , além de que 6 e 12 são os dois primeiros números que conduziram as 1<sup>as</sup> observações astronómicas que, por sua vez, conduziram ao calendário lunar-solar.

26 - O número 12, ligando o ciclo lunar ao ciclo anual do sol e o número 360, que liga o ciclo anual do sol (360 dias) ao seu ciclo diário, englobando 12 meses de 30 dias cada um.

Como diz R. Berthelot «o número 60 era particularmente apto a ligar o número 10, base do sistema decimal, com o número 12, número de meses do ano, já que é o primeiro múltiplo que é comum ao 10 e ao 12.»

27 - O sistema métrico dos caldeus é o único, antes da Revolução Francesa, que coordenou todas as unidades de medida em relação a uma unidade primeira de medida linear, o codo, quer dizer, uma medida de origem aparentemente biológica e fixada em 525 dos nossos actuais milímetros.

28 - Apesar das modernizações da ciência, o número 360 para dividir o círculo subsiste ainda e o número 12 subsiste igualmente para dividir o dia solar em 12 horas.

29 - Théon de Alexandria, comentador de Ptolomeu, elogiaria o número 60 «o mais maneável de todos os números, o mais baixo entre todos os que têm mais divisores.»

Estas verificações a posteriori confirmam apenas que os números têm sempre uma relação estreita com leis (constantes cíclicas) biocósmicas: e que é um pouco isso o que se pretende dizer quando se fala em valor teosófico do número ou em números sagrados.

30 - O número 4, que serve de base a alguns sistemas numerais como o dos índios americanos, explica-se por razões cosmológicas: os 4 pontos cardiais, ligados, desde logo, num calendário solar espaço-temporal, às 4 estações do ano solar.

E, como na China, com a sua cosmobiologia do *Feng Chui*, aos 4 ventos.

31 - Segundo Berthelot, a noção de número sagrado deriva desta circunstância de que o 4, o 10, o 60, servissem de base a sistemas numerais de medida e divisão do tempo.

O número 7 era igualmente sagrado para os caldeus, por ser o número de dias atribuídos à semana, desde a época em que eles viram na semana a quarta parte do mês lunar de 28 dias.

Sacralizado o 7, logo os seus múltiplos o serão também: 14 (ver lista teosófica de números )21, 28, considerados «maus» por serem o fim (a morte) dos sub-ciclos dentro do ciclo lunar de 28.

32 - Berthelot salienta a importância do número 360 na tradição hindu e budista: «Está por toda a parte!» - diz ele.

33 - O nome dado pela CB suméria aos planetas assimila-os a «animais dotados de vida».

NINIBE = TOURO

NERGAL = LEÃO

ISHTAR = POMBA

- Outra lista de iguais com os nomes sumérios dos planetas(ótimo para testar!)

JÚPITER = MARDUK

VENUS = ISHTAR

SATURNO = NINIB

MERCÚRIO = NABU

MARTE = NERGAL

Outros iguais para testar:

LU-LIM (et. suméria) = CARNEIRO LÍDER

EA = ENKI

ANOU = RESIDENTE NO CÉU SUPERIOR

34 - SOL, LUA E VÉNUUS - recordemos - foram os 3 primeiros astros de que a CB suméria observou o percurso.

35 - Na mais antiga escritura suméria, o ideograma que designa o DEUS tem a figura de uma ESTRELA

36 - Na CB suméria, «o destino pré-estabelecido pelos deuses depende da hora favorável , que se manifesta por diversos sinais, nomeadamente a posição das estrelas.» (Meyer)

37 - «Sumérios, povo de origem incerta, nem ariano nem semítico.» (R. Berthelot)

38 - Zigurate - Pirâmide com degraus, que a CB suméria chamava «colina do Céu» e que era suposto religar o Céu à Terra. ■